
Colégio Politécnico da UFSM, Santa Maria – RS
Revista de Gestão e Organizações Cooperativas – RGC
RGC – Santa Maria, RS, v.5, n.10, Jul./Dez. 2018
ISSN: 2359-0432
DOI: 10.5902/2359043231026



Impacto socioeconômico das cooperativas: contribuição para um mundo melhor

Socioeconomic impact of cooperatives: contribution to a better world

Resumo

Os cooperados face ao movimento capitalista precisam se posicionar melhor através de seus valores e finalidades. Assim, para se colocar no debate atual, o movimento cooperativo deve consolidar seus próprios fundamentos na recuperação de sua visão original do ser humano. O movimento cooperativo deve manifestar concretamente seu posicionamento na comunidade. Em um contexto de globalização, os desafios não são mais apenas econômicos, mas sim sociais. A cooperativa não é somente uma organização econômica original, mas uma escola humanista que deve contribuir para posicionar o cooperado como uma pessoa e como cidadão em um mundo dominado pela ignorância humana. O objetivo desta pesquisa é apresentar uma reflexão sobre o paradigma cooperativo através de uma abordagem metodológica e teórica, permitindo assim uma melhor compreensão dos valores, dos fundamentos cooperativos e também das contribuições socioeconômicas do movimento cooperativista no mundo. Essa atividade pode levar à possível modelização do paradigma cooperativo.

Palavras-chave: Cooperativa; Educação; Paradigma; Humanismo

Abstract

Those who cooperate with the capitalist movement need to position themselves better through their values and purposes. Thus, to put itself in the current debate, the cooperative movement must consolidate its own foundations in the recovery of its original vision of the human being. The cooperative movement must concretely express its position in the community. In a context of globalization, the challenges are not only economic but also social. The cooperative is not only an original economic organization, but also humanistic school that must contribute to position the cooperative as a person and as a citizen in a world dominated by human ignorance. The objective of this research is to present a reflection on the cooperative paradigm through a methodological and theoretical approach, thus allowing a better understanding of the values and the cooperative foundations, as well as the socioeconomic contributions of the cooperative movement in the world. This activity may lead to possible modeling of the cooperative paradigm.

Keywords: Cooperative; Education; Paradigm; Humanism

Recebido: 02/05/2018 Aceito: 23/01/2019

Omar Ouro-Salim¹, Serigne Ababacar Cisse Ba², Vagner Rosalem³

¹Mestrando – Universidade Federal de Goiás – ouromar@yahoo.fr

²Doutor – Universidade Federal de Goiás – serigneababacar@hotmail.com

³Doutor – Universidade Federal de Goiás – vagner@hotmail.com

1 Introdução

Atualmente, muitos pensadores, filósofos, sociólogos e antropólogos estão apontando a influência do sistema capitalista sobre a sociedade. Esses autores reconhecem os efeitos nefastos e, às vezes, perversos do sistema capitalista. Eles denunciam as ações negativas desse sistema sobre nossa sociedade, nossa maneira de enxergar o mundo e nossa visão do mundo. Percebe-se que o paradigma social atual é antes de tudo financeiro e industrial, mas o capitalismo propôs uma concepção materialista, individualista do ser humano. Fazer uma reflexão em relação à filosofia cooperativista permitirá reatualizar os fundamentos humanos e colocar a necessidade humana, com seus valores e princípios, em primeiro lugar. Essa reflexão sobre o paradigma cooperativo é, de fato, necessária, pois se assiste cada vez mais a uma crise de identidade cooperativa causada pelas pressões ambientais (TOULOUSE, 1996; CÔTÉ, 2001).

Essas mudanças estruturais, causadoras dessa crise de identidade cooperativa, são respectivamente ligadas à evolução do conceito do associado da cooperativa para um conceito individual, a interpenetração das empresas capitalistas, a dificuldade de reconhecer a verdadeira natureza do sistema cooperativo, as fortes pressões dos mercados e as dificuldades de reconhecer a lógica de ação cooperativa. Isso leva os gestores das cooperativas a se questionar: Quais são as vantagens dessa organização cooperativa? É importante puxar essa reflexão em relação às práticas de negócios no contexto cooperativo (CÔTÉ, 2007).

O paradigma cooperativo procura uma certa resposta aos desafios com que as cooperativas são confrontadas neste início do século XXI (CROZIER, 1989; SENGE, 1991; BRILMAN, 1995; BLACKWELL, 1997). Historicamente, as cooperativas eram percebidas como uma solução das falências do mercado, do poder dos monopólios, bem como uma solução para os problemas de desemprego etc. (ACI, 2012).

Para iniciar, definiremos o conceito do paradigma cooperativo, para entender melhor os conceitos cooperativistas. Em segundo lugar, será discutida a importância da educação cooperativa e, nos resultados, serão expostos os impactos da cooperativa sobre a sociedade atual.

2 Referencial teórico

2.1 Evolução do cooperativismo

A ideia do cooperativismo surgiu com os pioneiros de Rochdale, também com os primeiros pensadores, tais como Peter Cornelius Plockboy (1620-1695) e John Bellers (1654-1725). Portanto, a partir de 1659, Plockboy publicou um documento tratando das associações econômicas sem fins lucrativos a fim de impedir as explorações humanas. A associação cooperativista tem como objetivo as satisfações das necessidades dos associados da cooperativa (alimentação, alojamento, lazeres etc.), a maximização da produção e também da consumação (MARTIN et al, 2012). Mladenatz (1933) mostrou que a criação da cooperativa visa reunir as pessoas para trabalhar em conjunto. Nesse sentido, o dinheiro não constitui a verdadeira riqueza da cooperativa, mas o trabalho dos seus associados. Os grandes pioneiros da cooperativa refletiram sobre os problemas sociais dos seres humanos durante a revolução industrial a fim de elaborar as possíveis soluções mediante a criação das cooperativas. Os pioneiros colocaram as experiências cooperativistas em prática a fim de alcançar uma melhor solução face às desigualdades sociais. Os sucessores dos pioneiros continuaram essas reflexões e experimentações e melhoraram o modelo cooperativo até chegar a um modelo que sobreviveu ao longo dos tempos. Assim, Henri de Saint-Simon, Charles Fourier, Philippe Buchez, Louis Blanc e Robert Owen participaram, em teoria e em prática, na consolidação dos trabalhos dos pioneiros de Rochdale. Herman Shultz-Delitzch, Friedrich Wilhelm Raiffeissen, Alphonse Desjardins, Georges Fauquet, Henri Desroche e Claude Vienney fazem parte dessa longa história da reflexão e das ações cooperativistas. A maioria desses pioneiros eram os filósofos do século da luz.

Portanto, os filósofos como Kant (1724-1804) e Rousseau (1712-1778) desenvolveram na mesma época seus pensamentos e ideias, segundo as quais a democracia e a educação são as vozes a privilegiar para a emancipação dos indivíduos e que o feudalismo e o monarquismo não são únicos meios de organizar a sociedade.

Esta reflexão dos modernos terá uma influência sobre a própria cooperativa. O ideal democrático proposto e defendido por certos filósofos do

século da luz ofereceu à humanidade a possibilidade de se entender de forma diferente mostrando que o ser humano é uma pessoa que entra na construção de sua comunidade como sujeito e como cidadão. [...] O ideal humanista e democrático do século XVIII abriu assim uma nova compreensão do ser humano, criando dois valores fundamentais: liberdade e igualdade, que Rousseau anunciou depois de Aristóteles. (MARTIN et al, 2012, p.100).

Na tradição dos pioneiros, os associados das cooperativas acreditam nos valores éticos, segundo os quais a cooperativa deve promover a defesa e a melhoria econômica dos associados, a partir de custos mais baixos dos bens e serviços prestados, e inserir-se no mercado a preços justos, cumprindo o seu papel de organização econômica estruturada em cooperativa (PINHO, 1982).

Essa breve história permite entender duas coisas. Primeiro, nos lembra que a história da cooperativa é rica e antiga. Porém, essa história nos permite apreciar melhor o progresso e a situação atual das cooperativas. Além disso, Fauquet (1942) explicou a importância de se lembrar desse passado fundador e mostrar a verdadeira riqueza das cooperativas. Em suma, são problemas de pobreza, de exclusão social e de desigualdade que provocaram as primeiras reflexões e experiências cooperativas.

2.2 Paradigma cooperativo

Diante das pressões ambientais, o modelo de paradigma cooperativo tem como objetivo de superar os grandes desafios que emergem da globalização.

De acordo com Kuhn (1983), o paradigma é um mito fundador e exemplário de uma comunidade dada. O paradigma é um modelo útil, não porque ele resolveu uma dificuldade antiga, mas sobretudo porque ele promete soluções para o presente e o futuro. Segundo o autor, o paradigma se inicia através da tradição e da cultura de pesquisa. Essa cultura de pesquisa se define pela adesão dos associados em um quadro educativo. O paradigma pode ser definido também como um modelo racional implícito ou explícito, que procura responder a questões fundamentais, oferecendo uma concepção particular de ser humano, assim como os valores correspondentes em um dado contexto cultural, global e histórico.

O paradigma se insere então em uma reflexão de ordem filosófica sobre as finalidades organizacionais. Ele é uma forma essencial para a

realidade cooperativa, que ilustra uma concepção humana, determinante, assim um sistema social ou comunal particular. Do ponto de vista epistemológico, o paradigma é um conceito que assegura uma maneira correta de resolver um problema humano. Ele é um senso de ação e de agir.

Atualmente, com o sistema capitalista, as organizações não desenvolvem mais sua própria ideologia, mas preferem utilizar as ideias veiculadas pelo sistema dominante, que é o capitalismo. Nesse sentido, Chevrier (2005) denunciou essa manipulação do sistema dominante.

É imprescindível para a cooperativa estabelecer e manter esse equilíbrio exemplar, revivendo com sua própria filosofia para esclarecer e justificar melhor seu agir no mundo. A força do cooperativismo permanece nessa medida balanceada entre sua filosofia e suas práxis. Essa medida deixa claro o verdadeiro projeto cooperativista, que é a educação.

É importante reforçar os conhecimentos fundamentais do cooperativismo através da educação cooperativa.

O paradigma cooperativo deve reconhecer o lugar que responsabilize o ideal cooperativo, ligado ao direito humano com sua prática em um ambiente determinado. O paradigma é, em geral, a reflexão filosófica sobre a humanidade, os valores e as finalidades de um modelo ideal prosseguido a partir da educação cooperativa.

Portanto, quando se fala do paradigma cooperativo, faz-se referência à ideia cooperativista contendo os valores, valores que pertencem ao surto das democracias ocidentais desde o século XVIII.

Kant (1724-1804), filósofo alemão, nos convida a responder a três questões essenciais, questões universais sobre nossa sociedade. Quem somos realmente no início do século XXI (definição do homem)? O que desejemos fazer (valores e princípios)? O que esperamos (finalidade)? Responder a essas perguntas filosóficas é permitir o cooperativismo, que tem sua fonte com os pensadores do século da luz, de se direcionar sobre as organizações sociais e econômicas que desestabilizam demais o equilíbrio frágil do mundo. Nesse contexto, a educação cooperativa permanece um assunto importantíssimo no mundo.

No entanto, o século da luz deixa bem clara a importância do ser humano na sociedade. Só a verdadeira educação permite ao indivíduo refletir sozinho, ser feliz. Nesse sentido, a educação poderia nos levar a um indivíduo novo, racional e virtuoso. A educação deve contribuir para a emancipação global do ser humano e para sua transformação. Nesse sentido, Rousseau deixou bem clara a importância da educação e o conceito da democracia na sociedade atual com as teses de contrato social, democracia, liberdade e educação (ROUSSEAU, 2004).

A literatura filosófica mostra claramente que a democracia só pode ser conquistada e manter-se equilibrada na medida em que a liberdade e a igualdade são anunciadas e respeitadas. Por mais de dois séculos, qualquer democracia digna desse nome garante o respeito pelos valores da liberdade e da igualdade.

Historicamente, as duas principais tentativas políticas que buscaram concretizar o ideal democrático adotaram as cores da democracia liberal e sócio democrático. O sistema de democracia liberal promulga o conceito de direitos fundamentais: o direito ao voto, o direito à vida e à integridade física, o direito à propriedade privada etc. Em suma, sob esse ângulo, consolidam-se as liberdades e os direitos humanos.

Seja qual for a diversidade de formas institucionais do ideal da democracia, continua a ser em todos os casos que os sistemas políticos verdadeiramente democráticos reconhecem seus princípios básicos baseados nos ideais de liberdade, igualdade e direitos humanos. Eles reconhecem as regras democráticas que determinam seu modo de existência e cercam todo o jogo político. Em suma, eles reconhecem a cultura democrática na qual estão imersos (KABORÉ, 2001, p. 108).

Nesse sentido, o ideal democrático requer reflexão constante e penetrante sobre os valores da liberdade e igualdade em uma continuidade empírica. Assim, o cooperativismo funde seus princípios em ação, sobre tais valores.

Pode-se entender que a livre sociedade é uma expressão de respeito pela liberdade individual, um valor fundamental das organizações cooperativas contemporâneas. Essa ideia implica possibilidade e capacidade de cada pessoa pensar em suas escolhas de vida e compromissos em uma comunidade, onde se encontra a importância fundamental da educação. O cooperativismo faz parte de uma sociedade de

direitos e liberdades em que os associados são os únicos a dirigir, com autoridade, o futuro da sua cooperativa.

Essa abordagem democrática torna cada pessoa um membro pleno, como deve ser o cidadão na gestão da cidade. Se as noções da igualdade econômica e social, propostas pelos princípios cooperativos, não são respeitadas, então não é a verdadeira democracia, porque a cooperativa pertence a todos os associados.

Esta ancoragem, individualista e coletiva, parece-me ser a verdadeira força da cooperativa e constituem o seu principal interesse na reflexão ética. Entra em vigor no cruzamento de duas grandes avenidas de reflexão ética: entre o indivíduo e a comunidade e entre práxis e teoria, precisamente onde é uma ética social real com base na afirmação de vontade e liberdades (LACROIX, 2002, p. 35).

Essa abordagem democrática é exclusivamente cidadania. Assim, o paradigma cooperativo nos obriga a cultivar a democracia em um movimento de equilíbrio entre liberdades individuais e igualdade humana.

Desde a revolução industrial que aconteceu no século XIX, as organizações sociais e econômicas se estabeleceram e alinharam em torno dos mesmos conceitos de igualdade e liberdade. A Revolução Francesa fez até seu lema, uma base definida como fraternidade. Mas o que permite reconhecer a originalidade da cooperativa? Dois outros conceitos devem ser adicionados para aperfeiçoar o modelo de paradigma cooperativo como: solidariedade e equidade. Esses dois conceitos vêm solidificar e personalizar o modelo, permitindo assim a âncora real da democracia organizacional. Os valores fundamentais de uma verdadeira democracia no meio da cooperativa são: liberdade, igualdade, solidariedade e justiça. A democracia e a educação são necessárias para moldar o modelo do paradigma cooperativo, que oferece uma compreensão da estrutura cooperativa e de sua alma.

2.3 Educação cooperativa

Ensinar a liberdade e a igualdade para mulheres e homens do nosso tempo é aceitar as regras e os desafios da democracia assim como as responsabilidades civis que interferem.

A educação associada ao paradigma cooperativo deveria permitir o desenvolvimento pessoal e coletivo para alcançar a democracia real no meio das organizações, como conhecimentos suficientes e necessários para limitar a ignorância.

O movimento cooperativo oferece essa possibilidade de unir o ser humano e procurar sua autonomia em um quadro democrático, além de permitir o reconhecimento da solidariedade e da equidade. A cooperativa não é somente uma organização econômica original, sobretudo ela é uma escola humanista e contribui para a formação e a elevação dos cooperados como pessoas e como cidadãos em um mundo consumido pela ignorância humana (DE KONINCK, 2000).

A educação é um fenômeno complexo da existência humana. Portanto, há muitas definições, compreensões ou explicações sobre a educação em diferentes lugares e de diversos modos. Libâneo (1998, p. 22) define a educação como “o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano e grupos de indivíduos na sua relação ativa com o meio ambiente e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”. A educação fortalece então a união entre os indivíduos e grupos sociais e faz parte dos princípios cooperativos.

Para Marques (1996, p. 14),

A educação se cumpre num diálogo de saberes, não em simples troca de informações, nem em mero assentimento acrítico a proposições alheias, mas na busca do entendimento compartilhado entre todos os que participam da mesma comunidade de vida, de trabalho, de uma comunidade discursiva de argumentação.

Nesse sentido, a educação cooperativista pode auxiliar os membros a entender melhor os princípios e valores da cooperativa. Sem a educação será difícil alcançar o verdadeiro equilíbrio cooperativo (CÔTÉ, 2007).

Frantz (2012, p. 25) afirma:

No processo da educação é possível identificar práticas cooperativas e no processo da cooperação pode-se identificar práticas educativas. A organização da cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e potencializam-se, como práticas sociais específicas.

Como apontou o autor, nos princípios cooperativos existe a capacitação dos membros e dos dirigentes da cooperativa para alcançar as boas práticas de governança cooperativa (IBGC, 2015).

Libâneo (1998, p. 22) define a educação como:

Uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal. Acontece no espaço das relações sociais. No caso de uma organização cooperativa, essas relações têm como base os interesses, as necessidades de seus integrantes e os objetivos da associação. A educação na organização cooperativa atua na configuração dessa associação, levando-se em conta os interesses, as necessidades e os seus objetivos. Estes se fazem “força pedagógica” no processo da educação.

Para Marques (1996, p. 14), “a educação é sempre em reconstrução através das aprendizagens no mundo das tradições culturais que se ampliam, nos espaços sociais dos distintos âmbitos linguísticos e do convívio em grupos e nos processos da singularização dos sujeitos”. Para o autor, a educação se dá através da produção do conhecimento, pelo cruzamento dos diferentes saberes.

Para Dewey (1975), grande filósofo da educação do século XX, a educação é “a transformação em continuidade”. Segundo o autor, a educação está encarnada no crescimento individual e social para reconstruir continuamente e socialmente cada experiência. Para realizar essa reconstrução social a partir da experiência humana refletida em uma situação, a educação deve necessariamente fazer parte de um quadro democrático. A educação deve melhorar a experiência pessoal e permanente do ser humano, fornecendo bases abertas para o futuro e fundamentos renovados. A experiência pessoal deve ser adquirida através da educação de forma ampla para o bem de todos. Crianças, adolescentes, adultos, em sua totalidade, devem ser educados para pensar as realidades culturais e sociais em que eles estão constantemente imersos para melhor ação.

A educação deve entrar na complexidade social, não só de suportar, mas para testar, compreender e estender ativamente e de forma diferente até mesmo notícias inesperadas. Assim, a educação é um movimento de contínua aprendizagem. Longe de ser estática, a educação se move e se coloca em movimento, em nova ideia que tenta encarnar em uma prática e muda a ideia em si. A educação está localizada entre um ideal para definir e atingir a conformidade de forma contínua. Nesse

sentido, a escola e as diversas organizações educacionais devem tornar-se um ambiente democrático a serviço do indivíduo. (DEWEY, 1975).

A educação representa o caminho para se aproximar mais do sentido da vida, para desenhar projetos e transformá-los em ação. Nesse sentido, “a educação é o ato político final que nos faz independentes e responsáveis. Ela nos permite melhorar o econômico e o social dentro das cooperativas, e com isso, a educação contribui para a construção de toda a humanidade voltando-se para o bem comum” (DEMERS, 2008, p.19).

Segundo Libâneo (1998, p. 20), “o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal”. A educação está inserida, portanto, também na prática do cooperativismo, como um processo de educação informal. Essa perspectiva nos leva a considerar o modelo cooperativo como um lugar organizacional e educativo privilegiado para compreender e promover seu paradigma estabelecendo os *links* que existem entre seus valores e sua filosofia. Assim, a descoberta desse processo de humanização pela cooperativa pode despertar a consciência humana e assegurar o pleno emprego face às incertezas de globalização, em que o homem é esquecido (MORIN, 2000).

2.4 Impacto socioeconômico

O *Dicionário Larousse* define o conceito de impacto como “efeito produzido por algo, e influência resultante”. Assim, considerando essa definição, as cooperativas exercem de forma interna e externa uma influência socioeconômica sobre a sociedade a fim de melhorar as condições de vida humana (PETRELLA, 2007).

Segundo o historiador Fernand Braudel (1993), o capitalismo conseguiu tornar-se atualmente a base da economia mundial. Para esse autor, o capitalismo deve diferir completamente da economia do mercado. O capitalismo se relaciona mais com o sistema organizacional, onde os donos, os empresários e os trabalhadores têm um poder de tomada de decisão e onde o poder aquisitivo das empresas pertence a eles. O capitalismo é então uma forma de sistema que funciona com a própria dinâmica no mercado, um lugar de troca dos bens e serviços. Nesse sentido, as cooperativas devem mudar de fato em uma forma mais social.

Adam Smith (1723-1790) definiu a riqueza da nação pela totalidade dos produtos que embelezam a vida de toda a nação, isto é, de todas as classes e de todo o seu consumo. A troca desses produtos é feita de acordo com as regras do mercado livre, na medida em que, como Braudel (1993) diria, “permanecemos em um capitalismo comerciantes e não comerciantes” (apud JULIEN, 2012). Smith coloca uma pergunta semelhante a Braudel: Quem possui o valor criado? E para quem é criado: trabalhadores, empresários, intermediários, investidores, etc.?

Mintzberg (1939 apud BÉRARD, 1999, p. 14-16) afirmou: “Desde que economistas e acionistas assumiram o controle das organizações, eles mudaram sua missão. Eficiência e rentabilidade nos fizeram esquecer nossa razão de ser: criamos elas para nos servir. E agora estamos trabalhando para enriquecê-las.”

Portanto, três dinâmicas principais que caracterizam o impacto socioeconômico das cooperativas são:

- Estabilização e regulação econômica, social e política;
- Acesso equitativo de bens e serviços;
- Diversidade e inclusão econômica, social e política.

Sendo usuários como proprietários, os associados devem tomar decisões que os afetem não apenas como usuários, mas também como coproprietários, em um quadro democrático e coletivo. Como consequência, as decisões são tomadas em conjunto, considerando o aspecto social e econômico. Por isso, a participação dos cooperados deve ser equilibrada e efetiva.

A estabilidade econômica de uma cooperativa é assegurada pela prática de capitalização específica dos associados da cooperativa através da constituição de uma reserva. É a primeira prática de desenvolvimento aplicada no campo da gestão empresarial, uma vez que essa prática consegue responder melhor às necessidades do presente e, ao mesmo tempo, aumenta a capacidade das gerações futuras para atender às suas necessidades. Buchez (1796-1865) foi o primeiro a propor essa ideia de reserva, que inclui uma visão de intergeracionalidade e permanência da organização cooperativa. Ele explicou que “há uma conexão histórica necessária entre a humanidade do passado, do presente e do futuro, e é por isso que a sociedade humana

permanentemente deve ter à sua disposição um fundo social permanente” (apud MLADENATZ, 1933, p. 48).

Hoje em dia, 867,5 bilhões de dólares são protegidos da especulação, o que contribui para a boa capitalização das cooperativas do Global 300, que pertencem aos associados atuais e futuros (ACI, 2012).

Portanto, deve-se considerar que a prática de capitalização varia de um setor para outro ou de um país para outro. Assim, o caráter inalienável e imprevisível da reserva não é observado em todas as cooperativas. Essa prática de capitalização cooperativa provou seu valor.

As cooperativas são fatores de estabilidade ao analisar sua resposta a crises financeiras, políticas ou ambientais. As cooperativas japonesas foram as primeiras a ajudar as vítimas do tsunami de 11 de março de 2011 (KURIMOTO, 2012). As cooperativas florestais de Quebec também são conhecidas por manter empregos nesse setor, apesar das crises que elas enfrentam. Quando várias empresas de capital cessam de operar, as cooperativas geralmente mostram paciência e sacrifício por continuar atendendo às necessidades de seus associados e das comunidades em que atuam (GINGRAS et al, 2007, p. 211).

Como pode ser visto, há vários impactos positivos das cooperativas no mundo inteiro. No entanto, a influência da cooperativa no mercado e nos setores de atividade não pode ser avaliada unicamente em termos de volume de negócios.

Através da sua liderança, inovação e comportamento exemplares, as cooperativas revelam seus princípios, valores e finalidades. Por exemplo, as cooperativas de funeral de Québec, no Canadá, através da sua presença e ações, reduziram para metade o custo dos funerais nessa província (BEAUCHER, 2012).

Em suma, as cooperativas têm efeitos reais sobre a estabilização e regulação econômicas, sociais, ambientais e políticas: maiores taxas de sobrevivência, respostas exemplares a crises, impactos significativos em seus mercados e assim por diante. Mas seria arriscado generalizar demais e afirmar que todas as cooperativas têm esse impacto em todos os momentos e em todas as circunstâncias, embora em muitos casos isso tenha sido comprovado. A cooperativa tem uma capacidade, um potencial ou, em outras palavras, ela tem um poder dentro da

sociedade. Práticas e circunstâncias variam, mas o modelo cooperativo permanece, intrinsecamente e historicamente, nessa postura de *leadership*.

Portanto, as cooperativas são escolas reais, conforme definido por Éduscol (2011). Nesse contexto, uma escola é uma “atividade ou condição de vida a partir da qual as lições são aprendidas” (ÉDUSCOL, 2011). O termo “escola” refere-se aos aspectos educativo, democrático e ao aspecto de se encarregar do ideal cooperativo: um espaço de criação, de inovação e de troca.

3 Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada como descritiva e bibliográfica quanto aos objetivos por propor-se a descrever o paradigma cooperativo como aproximação metodológica e teórica a fim de compreender os princípios e valores da cooperativa, e ressaltar os impactos econômicos e sociais da cooperativa no mundo. Para Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos procedimentos, pode ser considerada pesquisa documental, que consiste na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda espécie de informações na forma de textos, imagens e outros (FACHIN, 2001).

Portanto, foi uma pesquisa qualitativa, acessando-se os portais de GOOGLE ACADÊMICO e SCIELO, e o site do ANPAD, tendo em vista os objetivos do presente trabalho. Foram escolhidos entre 2000 e 2016 trabalhos cujas palavras-chave contivessem “Cooperativa”. Foi selecionado um total de 20 artigos por amostragem não probabilística intencional à qual é definida por Minayo e Sanches (1993) que aqui serão discutidos.

4 Resultados e discussões

A pesquisa concentrou-se na busca de um novo paradigma cooperativo, que deve ser o ponto de sucesso para as cooperativas atualmente. Esse novo paradigma é outra forma de dominar o sistema capitalista, que é voltado somente para a maximização do capital, como apontaram alguns autores. Portanto, esse paradigma tem por objetivo se aproximar em primeiro lugar dos membros da

cooperativa e em segundo lugar da comunidade da qual os membros fazem parte.

Para chegar a isso, é necessária a implementação de um projeto de educação cooperativa para incentivar os membros. Acima de tudo, é preciso uma governança democrática no meio da cooperativa, pois só a democracia traz o respeito dos princípios de igualdade, liberdade, solidariedade, equidade, fraternidade e outros, entre os associados e também na sociedade, como apontaram os autores citados neste artigo. Para isso, é preciso entender que a cooperativa é uma instituição sem fins lucrativos, que está a serviço da sociedade e cuja adesão é livre para qualquer pessoa. Esse resultado nos leva a ver algumas ações que as cooperativas estão fazendo no mundo inteiro.

4.1 Manutenção de bens e serviços

As cooperativas estão envolvidas na manutenção do acesso equitativo dos bens e serviços de várias formas. Isso mostra de fato que as cooperativas operam em setores relacionados às necessidades básicas e à economia solidária. As necessidades de alimentação, segurança e habitação adequada estão no centro das preocupações da maioria das cooperativas.

Tabela 1 – Visões equitativas das cooperativas

Manutenção do acesso equitativo das cooperativas	Setores de atividades ligadas às necessidades fundamentais
	Oferta de serviço único
	Intercooperação
	Retorno para a comunidade
	Rendas

Fonte: Irecus, 2012

Assim, as cooperativas são coerentes com suas missões primárias, que envolvem atender às necessidades de seus associados e da comunidade. Além disso, as cooperativas vão além das outras comunidades para atender às necessidades humanas,

elas atendem também às necessidades das populações de territórios difíceis de alcançar. É o caso das cooperativas de eletricidade, que viajam para áreas remotas, como o Alasca, as Ilhas do Maine e os desertos de Nevada (NRECA, 2012). Essa prática, apesar de frequente, não se deve ao fato de existir um grande número de cooperativas de eletricidade dos EUA.

Portanto, as cooperativas financeiras são reconhecidas como adequadas para prestar serviços aos necessitados, principalmente nos países em desenvolvimento ou nas regiões mais pobres do mundo, contribuindo assim para melhorar as condições de vida das populações (BIRCHALL; KETILSON, 2009, p. 26).

As cooperativas respondem às necessidades da sociedade. Como exemplo, as cooperativas francesas provam isso, pois 75% delas têm sua sede em várias regiões do país.

As cooperativas estão cada vez mais conscientes das necessidades de seus associados e da comunidade, não importa onde elas estejam. Flexibilidade e diversidade são as características de uma oferta única, estendida e adaptada pelas cooperativas.

Assim, o retorno à comunidade, incorporado nos princípios cooperativos da ACI¹, é uma das principais distinções cooperativas. No entanto, os dados sobre doações e patrocínios são apenas uma porcentagem muito pequena dos relatórios anuais consultados e não permitem fazer comparação com as empresas capitalistas. Desinteresse da comunidade? Fraqueza de *marketing*? As hipóteses que explicam essa ausência podem merecer mais pesquisas.

A particularidade das cooperativas é o retorno pela comunidade através das ações humanitárias. Isso faz parte da essência das cooperativas, que são as verdadeiras construtoras da comunidade.

Elas são compostas pela própria comunidade e estão comprometidas continuamente. Elas representam a comunidade. Isso é caracterizado pelas escolhas de gerenciamento, de prioridades de ação, de fidelização aos associados, de oferta de produtos e serviços adaptados às necessidades reais dos associados. De fato, quase 66,4 bilhões de dólares, ou cerca de 208 milhões de dólares por cooperativa, são

¹ A ACI-Alliance Cooperative Internationale foi criada em 1895 como uma associação não-governamental e independente. Ela reúne, representa e apoia as cooperativas e suas respectivas

organizações. A ACI objetiva a integração, a autonomia e o desenvolvimento do cooperativismo.

pagos anualmente aos associados das cooperativas do Global 300 (ACI, 2012).

As Nações Unidas reconhecem essa contribuição para o desenvolvimento social da comunidade na sua Resolução 64-136, de 11 de fevereiro de 2010:

As cooperativas, em suas diversas formas, ajudam toda a população, incluindo mulheres, jovens, idosos, pessoas com deficiência e pessoas pertencentes a povos indígenas, a participar o mais plenamente possível no desenvolvimento econômico e social, inclusive elas estão se tornando um fator muito importante, e elas contribuem para a erradicação da pobreza [...]. (p. 1).

As receitas totais das cooperativas do Global 300 chegam a 1.926 bilhões de dólares, tornando-as a nona maior economia do mundo, se formarem um país. Deve ser lembrado, no entanto, que estes são resultados alcançados apenas pelas 300 maiores cooperativas. É interessante notar que o volume de negócios dessas organizações é superior ao total das exportações de combustíveis, produtos automotivos, têxteis e vestuários. Lembre-se que esses desempenhos econômicos são alcançados ao mesmo tempo em que constituem reservas de mais de 867 bilhões de dólares, oferecendo descontos anuais de 66 bilhões de dólares, envolvendo-se com a comunidade, mantendo quase 4 milhões de empregos, promovendo princípios e valores, em suma, ajudando a manter o acesso equitativo a bens e serviços (IRECUS, 2012).

Tabela 2 – Algumas comparações das cooperativas do Global 300 com produtos automotivos, têxteis, vestuários, combustíveis e PIB de alguns países em bilhões de dólares

Receitas do Global 300	1926 \$
PIB Itália	2245 \$
PIB Canadá	1758 \$
World Trade Organization (Exportações Combustíveis)	1808 \$
World Trade Organization (Exportações dos produtos automotivos)	847 \$
World Trade Organization (Exportações dos têxteis e vestuários)	527 \$

Fonte: Irecus, 2012.

Em suma, as cooperativas contribuem significativamente para a economia global e, ao mesmo tempo, recebem atenção relativamente tímida do público, do Estado e de outras instituições.

4.2 Promoção e Inclusão Econômica

As cooperativas são uma força democrática que influencia tanto seus próprios membros, sua comunidade e o mundo em geral. De fato, se as cooperativas do Global 300 fossem formadas por um país, seria a primeira democracia do mundo. Portanto com esses milhões de membros, têm a possibilidade de exercer o direito de voto, pelo menos uma vez por ano, em relação à cooperativa ou organização (a Índia tem 714 milhões de membros elegíveis²). Esses mesmos membros têm a oportunidade de participar das assembleias gerais anuais, mas a democracia cooperativa também é expressa por meio de assembleias gerais semestrais ou extraordinárias, comitês, conselhos de administração, workshops e reuniões de consultas. Em suma, a democracia cooperativa não é apenas representativa, é também participativa e geralmente viva, permitindo que a diversidade de pontos de vista e necessidades sejam respeitadas e promovidas.

Tabela 3 – Promoção das diversidades cooperativas

Proteção e desenvolvimento da diversidade e inclusão Econômica, Social, e Política.	Força Democrática
	Educação cidadania
	Manutenção e Desenvolvimento da Identidade Cultural
	Economia Solidária e Inovação

Fonte: Irecus, 2012.

A importância da prática democrática não pode ser subestimada, especialmente o lado educativo. Assim, as cooperativas oferecem informações, formação e educação aos associados, e uma participação dos associados nas tomadas de decisão. Nesse sentido, é necessário um processo educacional para cada associado. Isso é

² BBC, 2009

particularmente visto nos países em desenvolvimento, onde as cooperativas desempenham um papel essencial na aprendizagem de assuntos como democracia, gestão, contabilidade, bem como aprendizagem básica de leitura, matemática e relações interpessoais (NAÇÕES UNIDAS, 2011). Além disso, o Migros *School-Club* é um dos melhores exemplos. O Migros *School-Club* representa a primeira instituição cooperativa de educação contínua na Suíça (com 450 mil pessoas cursando). Ele oferecendo cursos nas áreas de línguas, cultura, bem-estar, economia, gestão, informática etc.

“Training for All” foi o credo do clube da escola por mais de 60 anos. O compromisso social e cultural de Migros sempre foi um objetivo importante para permitir que grandes partes da população passassem por formação contínua. Em particular, graças ao apoio do Migros 100% *culturel*, que a escola está conhecida pela alta qualidade de sua oferta e por uma relação preço-desempenho acima da média (ECOLE-CLUB MIGROS, 2012).

É amplamente reconhecido que a educação e a formação são os melhores meios para combater as exclusões econômica, social e política. Assim, as cooperativas contribuem para esse processo educacional. No entanto, a educação cooperativa em grande parte é ausente dos programas nacionais de educação.

Os princípios cooperativos e a natureza das cooperativas garantem um modelo muito variado e permitem adaptar-se às realidades e especificidades políticas, culturais e setoriais. Essa adaptabilidade é, por si só, uma riqueza e garantia de perenidade, mas também é um fator de construção de identidade cooperativa, que é às vezes decisivo.

Finalmente, através da existência de uma identidade específica, as cooperativas garantem a diversidade econômica no mundo.

A presença e influência das cooperativas asseguram um equilíbrio e enriquecem o ambiente econômico, social e político. As cooperativas demonstram não apenas que existe outro modelo de desenvolvimento, mas que também possuem grandes sucessos econômicos e sociais.

É importante salientar que esse modelo é uma das grandes inovações empresariais dos últimos séculos. Além disso, algumas cooperativas estão olhando para o futuro. É o caso da cooperativa de inovação *Allons en vent*. É uma cooperativa de

turbina eólica particular que coloca em prática os princípios do desenvolvimento sustentável e cujos membros são “crianças que tomaram ações de 100 euros”. “As 2.000 ações permitiram financiar 25% do investimento, o restante foi completado por empréstimos bancários” (ALLONS EN VENT, 2012). Os pais são gerentes da cooperativa, mas os proprietários permanecem os filhos e as decisões são tomadas em seus nomes e em seus interesses.

Em suma, as cooperativas são a maior democracia que existe no mundo, pois elas fornecem informação, formação e educação cívica e incentivam a participação dos associados. As cooperativas atribuem aos trabalhadores, produtores ou consumidores o status de usuário e coproprietário, respeitando os valores cooperativos e, nesse sentido, constituem uma inovação organizacional de grande escala. Portanto, a cooperativa é uma escola de democracia.

É imprescindível salientar que o movimento cooperativo luta contra a incerteza do sistema capitalista. A cooperativa precisa se redefinir interior e exteriormente para fazer a diferença no meio da sociedade através de uma reflexão filosófica. A cooperativa precisa mostrar ao mundo sua intenção dinamizadora e inspiradora, a fim de suscitar discussões democráticas locais, nacionais e internacionais. A cooperativa deve propor ao mundo seu paradigma por ideias e ações.

O cooperativismo deve nos lembrar a importância de entender como funciona a cooperativa a partir de noções tais como o movimento equilibrado entre valores fundamentais. Isso nos levará a entender o pensamento antropológico, ético original, e o movimento equilibrado entre o ideal e a prática. O movimento cooperativo deve continuar a participar ativamente na edificação de uma humanidade melhor, mais consciente e mais justa.

A cooperativa é uma organização original, sustentada pelo paradigma cooperativo original, que deixa o indivíduo em primeiro lugar no seu projeto na sociedade. O cooperativismo tem então uma responsabilidade moral e educativa face à sociedade.

Para esse fim, Fauquet (1942) nos convida a lembrar dessa utopia mobilizadora, esse projeto de mudança, essa visão da sociedade e esse desejo de colocar os seres humanos em primeiro lugar, sua dignidade, e a realização de seu potencial no coração do projeto cooperativo, em que o ser humano é

sempre primordial. Isso nos permitirá experimentar uma evolução exemplar.

As cooperativas demonstram, através de seus modelos, suas práticas e seus resultados, que existe um modelo de desenvolvimento que combina aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. As cooperativas provam que não é necessário fazer uma escolha ou priorizar os elementos do mesmo modo, mas propõem multiplicar os laços entre membros, entre membros e sua organização, entre a organização e sua comunidade, entre comunidades de diferentes culturas, entre aspectos sociais e econômicos, entre aspectos políticos e culturais, entre ideal e prática.

Assim, as cooperativas demonstram seu surpreendente poder, colocando seres humanos, sua dignidade e a realização do seu potencial no centro do seu projeto, trazendo mudanças econômicas e sociais em uma dinâmica de paz.

Na década de 70, Schumacher, em seu trabalho, trata, em uma dinâmica educativa, da diferença entre o porquê e o como:

A educação deveria ter, por missão, em primeiro lugar, as transmissões de valores, aprendizagem de como deve-se viver nossa existência. A necessidade, também indiscutível, de transmitir *know-how* vem apenas na segunda posição. Obviamente, seria um pouco impetuoso colocar poderes significativos nas mãos das pessoas sem garantir que elas tenham uma visão razoável de como usá-los. Atualmente, é mais provável que toda a humanidade corra um perigo mortal, não porque estivéssemos sem conhecimentos científicos e tecnológicos, mas porque tendemos a usá-los sem qualquer sabedoria (SCHUMACHER, 1978, p. 316).

Acima de tudo, o autor quer salientar que a educação cooperativa permanece um assunto pertinente nas cooperativas, pois uma cooperativa sem educação não é uma cooperativa.

5 Conclusões

Esta pesquisa teve como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre o paradigma cooperativo através de uma abordagem metodológica e teórica, permitindo assim uma melhor compreensão dos valores e dos fundamentos cooperativos, bem como das contribuições socioeconômicas do movimento cooperativista no mundo. Para atender ao objetivo proposto neste estudo, foi realizada uma pesquisa de caráter descritivo e qualitativo, que utilizou um total de 20 artigos selecionados nas bases

de dados do GOOGLE ACADÊMICO, SCIELO e ANPAD.

Pode-se perceber através deste estudo que as cooperativas contribuem de forma eficaz para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade. As cooperativas constituem assim uma alternativa possível de geração de renda para diferentes grupos sociais. Tal perspectiva tem origem na tradição da economia social e destaca o papel das organizações da sociedade civil com funções públicas.

Foi possível observar que, embora a cooperativa exerce uma tarefa significativa para a sociedade, possui um propósito social, as práticas de gestão e desenvolvimento inspiradas na identidade cooperativa geralmente não fazem parte da administração, da história, da educação ou de programas políticos e livros. É um descuido? Estamos cegos pelo sistema dominante? É intencional? Como podemos reconhecer e melhorar as práticas de gestão cooperativa que foram desenvolvidas? É o tempo de pensar em construir uma nova e grande escola humanista de empreendedorismo para aprender mais sobre as práticas diferenciadas das cooperativas? Pode-se pensar mais sobre essas perguntas, mas isso seria o objeto de um novo estudo em relação aos desafios cooperativos no mundo.

Entende-se que a pesquisa poderia ser mais prática se fosse um estudo de campo, realizando entrevistas estruturadas com dirigentes e associados das cooperativas. As limitações do estudo relacionam-se ao caráter puramente bibliográfico, através da leitura de artigos, o que não permite generalizar o paradigma cooperativo e as ações socioeconômicas das cooperativas. Ainda assim, entende-se que a pesquisa contribui para o conhecimento do paradigma cooperativo, da gestão cooperativa, seus lados social e econômico, seus princípios e valores e suas finalidades na sociedade atual.

Agradecimentos

Agradecimentos a revisores, colaboradores e agências de fomento.

Referências

- ACI - ALLIANCE COOPÉRATIVE INTERNATIONALE. **Co-operative identity, values and principles**. 2012. Disponível em: <<http://2012.coop/en/what-co-op/co-operative-identity-values-principles>>. Acesso em: 1 set. 2012.
- ALLONS EN VENT. **L'éolienne des enfants**. 2012. Disponível em: <<http://www.eolienne-des-enfants.net/>>. Acesso em: 1 set. 2012.
- BBC. **Millions of Indians go to polls**. 2009. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/8000074.stm>. Acesso em: 12 Abr. 2012.
- BEAUCHER, S. **Coopératives funéraires: un réseau de 150 000 propriétaires**. Revue Ma Caisse. Disponível em: <http://www.desjardins.com/fr/a_propos/publications/finances-personnelles/v48-n5-cooperativement.pdf>. Acesso em: 1 set. 2012.
- BÉRARD, D. **La théorie prend trop de place!** In: MINTZBERG, H. Revue l'Actualité, juin, 14-16. 1999.
- BIRCHALL, J.; KETILSON, H. L. **Resilience of the cooperative business model in times of crisis**. International Labour Organization. 2009.
- BLACKWELL, R. D. **From mind to market**. Ohio: Harper Business, 1997.
- BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.
- BRAUDEL, F. **Civilisation matérielle, économie et capitalisme**. Armand Colin. 1993.
- BRILMAN, J. **L'entreprise réinventée**, Les Editions d'organisation. 1995.
- BROT, M. **Le coopérateur et la démocratie cooperative**. Paris: Fédération des coopératives de consommation, 1951.
- CAPRA, F. **The web of life: a new scientific understanding of living systems**. New York: Anchor Books, 1996.
- CHEVRIER, M. **Le temps de l'homme fini**. Montréal: Boréal, 2005. 248 p.
- CÔTÉ, D.; TOULOUSE, J. M. **Gestion de la caisse populaire: entre rupture et continuité**, In: LÉVESQUE, B. (édit.). **Les actes du colloque, Desjardins, une entreprise et un mouvement?** 1996.
- CÔTÉ, D. **Fondements d'un nouveau paradigme coopératif**. Quelles incitations pour les acteurs clés? RECMA-Revue Internationale de l'Economie Sociale, n° 305, p. 72-90. 2007.
- CROZIER, M. **L'entreprise à l'écoute**. Inter Editions. 1989.
- DE KONINCK, T. **La nouvelle ignorance et le problème de la culture**. Paris: PUF, 2000. 203 p.
- DE KONINCK, T. **Philosophie de l'éducation, Essai sur le devenir humain**. Paris: PUF, 2004. 296 p.
- DEMERS, P. **Élever la conscience humaine par l'éducation**. Montréal: Presses de l'Université du Québec, 2008.
- DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: The Free Press, 1966. Traduit par Deledalle, G.

- Démocratie et éducation, Paris: Armand Colin, 1975.
- ÉCOLE-CLUB MIGROS. Disponível em: <<http://www.ecole-club.ch/A-notre-propos/Ecole-club-Migros>>. Acesso em: 1 set. 2012.
- ÉDUSCOL. Actualités de l'enseignement. 2011. Disponível em: <<https://contrib.eduscol.education.fr/numerique/>>. Acesso em: 4 set. 2012.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FAUQUET, G. **Le secteur coopératif**. Paris: PUF, 1942.
- FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária: relações entre as práticas sociais de educação e de cooperação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- GINGRAS, P.; CARRIER, M.; VILLENEUVE, P. Y. Mesurer la cohésion sociale dans les coopératives: les principaux indicateurs appliqués aux coopératives forestières du Québec dans leur relation avec l'innovation économique. **Économie et Solidarités**. Québec, 1. ed. v. 37, p. 198-224. 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. 2015. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/pt/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2201>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- INSTITUT DE RECHERCHE ET D'ÉDUCATION POUR LES COOPÉRATIVES ET LES MUTUELLES DE L'UNIVERSITÉ DE SHERBROOKE. 2012. Disponível em: <www.usherbrooke.ca/irecus>. Acesso em: 8 jan. 2015.
- JULIEN, P. A. **Le capitalisme est en crise, mais lequel? Demanderait Braudel**. Le Devoir, 2012. Disponível em: <<http://www.ledevoir.com/societe/le-devoir-de-philos/359755/le-capitalisme-est-en-crise-mais-lequel-demanderait-fernand-braudel>>. Acesso em: 4 set. 2012.
- KABORÉ, B. **L'idéal démocratique: entre l'universel et le particulier**. Essai de philosophie politique. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2001. 325 p.
- KANT, E. **Fondements de la métaphysique des mœurs**. Paris: Bordas, 1988. 191 p.
- KUHN, T. **La structure des révolutions scientifiques**. Paris: Flammarion, 1983. 284 p.
- KURIMOTO, A. Co-operative response to natural disasters. Disponível em: <[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=kurimoto%2C%20coop%20japan%20tsunami&source=web&cd=3&ved=0CCwQFjAC&url=http%3A%2F%2Fsseacb.wikispaces.com%2Ffile%2Fview%2FThe%2BRole%2Bof%2BSSE%2Bin%2BPostTsunami%2BReconstruction%2Bin%2BJapanB\(SSEA2011\).pptx&ei=BYttULGyB6XbyAHxt4BQ&usq=AFQjCNH5rBnaPtT4w1GIQNQWCohRoOF31A&cad=rja](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=kurimoto%2C%20coop%20japan%20tsunami&source=web&cd=3&ved=0CCwQFjAC&url=http%3A%2F%2Fsseacb.wikispaces.com%2Ffile%2Fview%2FThe%2BRole%2Bof%2BSSE%2Bin%2BPostTsunami%2BReconstruction%2Bin%2BJapanB(SSEA2011).pptx&ei=BYttULGyB6XbyAHxt4BQ&usq=AFQjCNH5rBnaPtT4w1GIQNQWCohRoOF31A&cad=rja)>. Acesso em: 1 set. 2012.
- LACROIX, A. **Éthique et coopératisme: un contrepois à la mondialisation?** Sherbrooke: Éditions GGC, 2002. 233 p.
- LAROUSSE. **La définition du mot impact**. 2002. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/impact/41780>>. Acesso em: 4 set. 2012.

- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1988.
- MACHADO, R. Introdução. Por uma genealogia do saber. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- MARQUES, M. O. **Educação/interlocução, aprendizagem/reconstrução de saberes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1996.
- MARTIN, A. et al. **Sens et pertinence de la coopération: un défi d'éducation**. Anjou: Éditions Fidès, 2012.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Caderno Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi=S0102-311X199302>. Acesso em: 18 maio 2016.
- MLADENATZ, G. **Histoire des doctrines coopératives**. Paris: Presses universitaires de France, 1993.
- MORIN, E. **Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du future**. Paris: Seuil, 2000. 129 p.
- NRECA - NATIONAL RURAL ELECTRIC COOPERATIVE ASSOCIATION. 2012. Disponível em: <<http://www.nreca.coop/members/Maps/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 25 set. 2012.
- NAÇÕES UNIDAS. **Rôle des coopératives dans le développement social et mise en oeuvre de l'Année internationale des coopératives**. Rapport du secrétaire general. 2011.
- PETRELLA, R. **Pour une nouvelle narration du monde**. Montréal: Éditions Écosociété, 2007.
- PINHO, D. B. **Manual do cooperativismo**. São Paulo: CNPq/BNCC, 1982. 101 p.
- ROUSSEAU, J. J. **Du contrat social**. Paris: Éditions Gallimard, 2004. 535 p.
- SCHUMACHER, E. F. **Small is beautiful, une société à la mesure de l'homme**. Paris: Édition du Seuil, 1978.
- SENGE, P. **La cinquième discipline**. First, 1991.
- TOURAINÉ, A. **Un nouveau paradigme**. Paris: Fayard, 2005. 365 p.